

Meio ambiente

Enchentes amazônicas

JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA COSTA

Este artigo não trata da cheia política que transforma a Amazônia em um dos assuntos prediletos da imprensa mundial mas sim da cheia de fato que a Folha do último dia 24 de junho noticiou dando conta de 35 mil desabrigados só em Manaus. Esta enchente, que chega muito perto da maior cheia registrada na história do Amazonas, em 1953, é apenas o prenúncio de um dos problemas mais sérios que a ocupação desordenada da região está criando e que com certeza se transformará em um dos seus maiores flagelos em muito pouco tempo. Infelizmente toda a atual celeuma amazônica ainda não tratou dessa grave questão assim como ainda não se discute abertamente outro assunto muito importante que é a questão do comprometimento e da privatização do solo dessa região.

As enchentes, em grande parte, são resultado direto do desmatamento, em áreas de grande pluviosidade. Científica e vulgarmente conhecido, o efeito imediato da erosão resultante do corte da floresta é o assoreamento dos rios com o material levado pelas chuvas. As águas que passam a correr mais rápidas sem a presença da floresta encontram as calhas dos rios atulhadas e se espalham pelas baixadas. Essa reação de causa e efeito tem sido apregoada há mais de um século como uma das razões pela qual se deve ter muito cuidado no corte da vegetação primitiva, especialmen-

te em zonas tropicais.

Hoje Bangladesh sofre cheias gigantescas todos os anos que praticamente inviabilizaram o país economicamente por conta dos estravazamentos do rio Ganges atulhado por sedimentos. Em tempo não muito distante estaremos na Amazônia em situação semelhante. Nosso problema, aliás, pode ter proporções ainda maiores que os do vale do Ganges já que se trata de uma bacia hidrográfica muitas vezes maior. Outra semelhança entre as duas bacias fica por conta da situação das fronteiras políticas. Somente a parte baixa do rio Ganges se situa em Bangladesh e esse país sofre o resultado das ações de depredação das encostas do Himalaia situadas na Índia a cavaleiro daquela bacia hidrográfica. Aqui nós temos uma situação parecida em relação aos demais países amazônicos.

Tive a oportunidade de estar por duas vezes nas fraldas úmidas internas dos Andes. É a região mais bela que conheço com seus imensos declives recobertos pela floresta tropical. As paisagens se assemelham às da serra do Mar, só que com a altura multiplicada por três. É também uma das áreas de maior instabilidade e fragilidade geológica. Ali também a possibilidade de escorregamentos, que é muito acelerada pela intervenção humana, multiplica-se algumas vezes. No ano passado, enquanto visitava a região andina interna do Equador, a estrada que descia

para a Baixada Amazônica foi interrompida pelos escorregamentos causados pela chuva. Ficamos parados com sete escorregamentos pela frente e três atrás, enquanto outras áreas ameaçavam cair. Essa fragilidade dos Andes, aliada à ocupação desordenada de áreas mais baixas, é uma bomba relógio para todos os que vivem à beira dos rios.

Em Ji-Paraná, Cacoal, Ariquemes e outras cidades de Rondônia já se sente marcadamente o efeito dos desmatamentos e os rios Machado, Jamari e Jaru têm subido um pouco mais a cada ano transtornando a vida das populações dessas cidades. Ali também o desmonte dos tabuleiros, como são chamados as barrancas dos rios para o garimpo de lavagem do ouro e da cassiterita, tem contribuído muito para o assoreamento dos cursos-d'água.

Do jeito que a coisa vai, em muito pouco tempo teremos situações de cheias crescentes, com número de flagelados cada vez maior, prejuízos e danos incalculáveis. Este é apenas um dos aspectos da questão amazônica que precisa ser considerado e exige urgência na determinação e aplicação de um zoneamento ecológico da região. Essas cheias recomendam também a cooperação entre os países da bacia amazônica, especialmente aos interesses do Brasil.

JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA COSTA, 43, arquiteto, é conselheiro da União Internacional para a Conservação da Natureza e coordenador do Consórcio Mata Atlântica-Serra do Mar.